

De incipit do Evangelho, resistam. A verdade comede-lhes vigor, a caridade inspira-lhes alento. A morte não os assista. Qu' importa morrer quando se trabalha pelo amor da humanidade?

Um ambicioso apresenta-se então. É um homem que traz as mãos gotejando do sangue de sua mulher e de seu filho. Este homem quer reinar. Serve-se do christianismo como de uma força para alcançar o throno. Transforma a lei da liberdade em lei politica que lhe dará um imperio. Faz da religião dos martyres a religião dos tyrannos. A cruz associa a purpura. Imenso escarro lançado na face do martyr do Golpho.

O Christianismo deixara de ser uma lei moral. Ia transformar-se n'um systema de oppressão. A luz que brillara na Judeia ia amolecer-se. O phariseo—o levita—o sacerdote, iam apossar-se da grande preza—o genero humano. Iriam substituir a verdade evangelica pelo eubuste, iriam estabelecer o dogma no pedestal destinado á liberdade.

O pharizeo crucificaria de novo a Jesus.

Estamos em plena idade media. Ha muita que o imperio romano desabou. Os barbaros haviam-o invadido. Corrupto até á medula dos ossos, deixara-se conquistar com a mesma facilidade com que conquistara os outros povos.

O christianismo não lhe servira de arma defensiva. Já estava muito longe das tradições evangelicas. A entidade sacerdotal começava a surgir. Com o sacerdote seria o christianismo um instrumento do dominio. Não é com a tortura que se defendem os povos.

Ainda mais. A mente virgem dos barbaros desconhecia as ideias da religião. O sacerdote approvou-se d'esta ignorancia para firmar o seu poder. Alliou-se com o invasor para lhe roubar a liberdade de consciencia. Deu-lhe a terra com tanto que estu lhe desse o espirito.

Começa então o reinado do clericalismo—do parasitismo. A liberdade pregada pelo Christo transforma-se em Egreja. Esta Egreja tem bispos. Breve terá um absurdo moral a sua frente—o Papa.

Os bispos auxiliam os invasores a devastar. Remy sagra um invasor—Clovis—rei de França. Recelhe em troca diuheiro e submissão. Por toda a parte o nome de Jesus serve de pretexto á usura e á rapacidade. A Egreja apresenta-se forte. Souha a theocracia, o principio a fundala pela avareza.

Rom a havia sido o throno dos despotas. Um despota mais terrivel vai erguer-se n'ella. Um despota temporal e espirital. Em nome do Evangelho elle vai estabelecer a mais madonha das tyrannias—escrevar as consciencias. Este monstro é o Papa, esse enorme aborto do espirito sacerdotal.

E os povos gemem. Nem mais uma sombra de liberdade. Monarchas e padres tudo esmagam. Thára e sceptro tudo opprimem. A noite da escravidão volta de novo. A Europa é um amphitheatro enorme em que o povo é entregue á voracidade dos autocratas. A humanidade agrihoadá tem sobre o pescoro a espada do guerreiro, e sobre o coração o baculo pontifical.

É preciso enganar o povo para governal-o, dizem os impostores religiosos. Fallemos em Jesus já que elles nos julgam ministros de Christo. Promettamos-lhes

a virgi sacras, e vamos turbá-lhes n'este mundo o producto das seus amres.

O pharizeo fôra máo, o levita fôra egoísta, mas nunca attingira este gráo de perversidade. Servira-se de Deus, mas nunca d'um martyr de liberdade, para escravisar o mundo.

O que o levita,—o pharizeo, não fizera, tinha o feito o sacerdote romano.

E que o pharizeo tinha-se aperfeiçoado

E o aperfeiçoamento do pharizeo era o total eclipse da liberdade.

O impostor religioso eis o vulto que s'apoderou da idade media. Substituiu o Evangelho pelos concilios, a cruz pela thôva,—O Clerigo pelo Papa, a liberdade pela servidão. Sentou-se catado sobre as cinzas fumegantes do templo de Jesus, e disse: A terra é minha.

E foi! O povo era ignorante, e elles eram astutos. Manietaram-o. Peior ainda—amarraram-o de uma raiva insana contra seu semelhante. Pregaram-lhe cruzadas, massacres e carnificios, e o povo, logo ás ordens do sacerdote, desaqueleou magistralmente esse encargo. Tão logo bom derramar o sangue pela gloria de Deus!...

Mas aqui não ficara a astucia do padre. Havia não somente enlucido o povo, como também transformado em filiteros os monarchas. Domestica-os como se domesticam as bestas—para guardar o rebando cuja eterna tosquia elle se propunha.

Teve então o clero um digno chefe. Um monstro de genio, de audacia e de perversidade. Foi Gregório VII. Foi elle quem construiu esta obra nefanda. Ordenou o celibato dos padres. Tombou o padre á familia. Fêzo peor do que o phariseo. O phariseo ainda podia amar, porque tinha familia; o padre não podia odiar, porque era privado de todas as prazeres. O sacerdote até alli tinha sido o parasita da humanidade; ali em diante seria o seu verdugo. A lei do amor, estabelecida pelo Christo, daria lugar á lei do odio.

O Christianismo fôra venado.

Venado? Completamente não. Já ao longe começa a erguer-se a vulto magestoso da Reforma. Ouvise o trom de um canhão; é Lutheo que fala. Vem relembrar o christianismo, vem fazer brilhar as fontes da liberdade. A Reforma é um dos actos d'esse grande drama que começou no Calvario, e que terá por epilogo—noventa e tres. A Reforma é um rompulo de luz—é a aurora da revolução.

A voz da Reforma o clero treme. Parece então que o mundo lhe vai escapar. Agarra as garras e prepara-se para o combate. É uma batalla campal que vai dar. Christo pelee contra elle pela voz d'aquelles que lh'apregou a doutrina. O Papa recorre aos grandes meios inventados na machina infernal—o jesuita.

O Jesuita era o digno successor do phariseo.

E o Jesuita quem combate a Reforma. Svatiense de todo o espirito sacerdotal, todos os meios lhe serviram para combater a liberdade. Deteve os progressos da razão, afastou os germens do desenvolvimento, e disse ao Papa: Sé tranquillo; como d'aquí a terra é nossa.

Enganaram-se a machina infernal. As ideias haviam seguido seu curso. As fo-

guezas d'ellas a aliar-se pelo mundo não foram queimadas pelos concilios. A razão a luz do progresso, o povo a colando alento, e a consciência breve reclamaria os seus direitos.

A humanidade, que tanto tempo fora prósada, dá então á luz um século—o século de ouro. A philosophia rebelde e com ella o odio á tyrannia. O livro, punado vulgar pela imprensa, vai ensinar ao homem a pensar. O pensamento rebelde na mente humana. O povo olha para os reis e para os padres. Perguntalhes cont que direito o escravizam. So tem como resposta o silencio. Insiste. Respondem-lhe com o canhão e a baioneta. Não s'apavara. Já sabe que vive, e portanto que é forte. Precipita-se contra o furono. O throno caher. Volta-se contra o sacerdote. O sacerdote foge. Quer a lei,—repõe o arbitrio. Quer a moral—afirma as doutrinas da Egreja.

Noventa e tres ergueram-se como uma tempestade de luz. Como Christo, vinha combater o mundo. Jesus quizerá plantar a liberdade pela guerra—nôta sublime, mas utopia. Ella, a revolução, filha legítima do Golpho, vem plantala pela força. Condevera o etro dos philosophos; não se rondou os tyrannos sendo com as armas da tyrannia. Havia séculos que os reis e os sacerdotes tinham o monopólio do derramamento de sangue; ora tempo também que o sangue corresse á voz do povo. Jesus morreu em torturas por pregar a liberdade; era justo que os tyrannos morressem por quererem a tyrannia. Repressão triste, mas necessaria. A necessidade não se discute.

Não obstante toda a sua força, noventa e tres não exterminou o papazico. Fugiu-o, mas não o guillotinou. Deixou-o de pé, pronto a proscreir um sua obra logo que pudesse. Contentou-se em limar ao fígure as garras, e deixou-o vagar inerme.

E o pharizeo,—padre catholico ou jesuita, prepara-se para combater a sua obra. Olha para Roma, e vê o Papa. Disse consigo: Tudo está salvo, ainda he nas cabeça. O povo não espera; elle será nosso.

E o jesuita aferra as fôrças para lutar o século XIX.

Chegamos ao fimmar d'este século. Seguimos em sua evolução historica essa grande ideia que se chama christianismo. Ou seja nullo ou verdade historica a existencia de seu fundador, a doutrina que se acha revestida do seu nome foi o germen das liberdades de que hoje gozamos.

E este prelo, dado pela doutrina christã ao espirito sacerdotal, ainda em nossos dias continua. Depois de noventa e trez o padre tem começado a erguer a cabeça. Em vão perseguido pela sciencia e pela civilização, elle não desespera de reacquirir o seu antigo dominio. Approveita-se de tudo e de todos para combater a liberdade. Quer algumas para as consciencias; quer carrões para os concilios.

Em meio deste século de sciencia elle inventou a tãmar das monstruosidades— a infallibilidade papal, essa mitificação enorme da razão. E não ficou por aqui. Corrompen o ensino, alteram a historia, deturpam a moral, pervertem as consciencias e fez o Syllabus.

E por toda a parte como um espirito de discordia lava o espirito da Egreja

Romano. Foi sobre o parto profundo do mar o seu dominio, e ali nesta terra de Santa Cruz, nesta linda filha do Sol embalsamada pelo Atlantico...

...mas não aqui não reinará o sacerdote. Lembremo-nos demais do Phari-

te presente fôrça. O mundo; combater esse espirito sacerdotal que tanto sangue tem custado á humanidade. Não batemos os humens que o defendem, viamos apenas declarar guerra á ideia de que se fazem sustentáculos.

Combateremos a reacção. Sem combater não lhe abandonaremos as consciencias de nossos concidãos. Seremos talvez vencidos. Não importa; o porvir nos suscitará vitoriosos.

Nosso programma é extenso como o polo ser a esfera do pensamento humano. Pensamos, e pensar é fazer o bem, porque pensar é ser livre, e ser livre é ser bom. Pensar é o contrario de erro. A Egreja erra, e nós pensamos. A Egreja erra, porque souha a escravidão universal. Nós pensamos porque souhamos a liberdade da especie humana. Nós, padres de Roma erramos, porque exploramos a mina da credulidade. Nós pensamos porque queremos devassar os mundos em que existem os germens d'essas grandes ideias que se chamam direito, justiça e liberdade. Nós querriamos ser nós a nós mesmos; nós procuramos selo nos nossos concidãos.

Tal é o programma do pensador; pensar é só pensar. Pensar é rasgar os horisontes do porvir.

A Egreja Romana e o Clero catholico.

Ja são desesperados os esforços que, desde meido do século XIX, tem feito a egreja romana para relavor o prestígio do que tinha abusado durante tantos séculos, e que perdeu por effeito da revolução franceza de 1793.

Parece pois que a prostração em que ficou, e a quasi nullidade a que foi forçada a resignar-se, durante um pouco mais de meio século, não deixaram de lhe ser proveitosas, servindo-lhe esses cinquenta e tantos annos para se restabelecer, recuperando forcas com que podesse apresentar-se aliya e amadora na luta, e impôr com arrogancia a sua soberania e despótica vontade a todo o mundo catholico.

Bem se vê portanto que esse intervalo de quebrantamento sempre lhe serviu para a força a reflectir nos meios de reconquistar esse perdido prestígio e a experiencia tem mostrado que os mais solidos, que a reflexão lhe suggerio para os restabelecer perpetuamente, foram a infallibilidade no pontificado, e a dictadura ex informata consciencia nos bispos.

Hoje, nas sociedades christãs onde impera o catholicismo romano como religião do estado, seria já falsa qualquer nunciação do partido liberal; actualmente todo o poder da egreja romana se acha centralizado no papa e nos seus indispensaveis bispos; o clero é presentemente uma corporação totalmente passiva,—um exercito a que, para que constiua a força indomável da egreja romana, não devem as potestades ecclesiasticas permitir a minima liberdade de acção propria.

Ainda enquanto ponde existir partido

derical, a humanidade christã podia esperar a sua total emancipação da eventualidade da luta, porque se do clero veio o veneno que contaminou a christandade pelo fanatismo e pela superstição, tambem d'elle veio o antidoto que, em varias occasões, lhe tem neutralizado o effeito, promovendo a illustração e liberdade, embora imperfeitas, de que gusam as sociedades modernas. Agora porém que o clero se acha mimetado pelos pertencentes grilhões de S. Pedro, nada mais resta aos povos christãos do que escolher entre o evangelho e o syllabus. Se preferem o Evangelho, isto é, se querem que o Christo seja o seu *meu mestre* (como elle mesmo ordenou que chamassem a elle *si*), renunciem por uma vez aos *meus* da igreja romana, como a meus christã de todas as igrejas; se lhe preferem o *syllabus*, então deixem-se de lucta, e entreguem os pulsos aos chamados grilhões de S. Pedro, e verão renascer desassombrados os reatados de Ignacio Loyola com toda a sua corte de illustrados Tartufos, e de Domingos de Guzman com todos os seus *autos de fe*, celebrados nas fogueiras da inquisição.

Actualmente a consciencia do sacerdote da igreja romana já não pode regular-se *per Christum solum in vitam*, mas tão somente *per eubandam arbitriamque episcopi*. O sacerdote está hoje tão coagido pelo temor do decreto *in reformata consciencia*, como sob os governos despoticos e absolutos esteve o soldado raso pelo temor da *clabata*. A differença consiste unicamente em que a flagellação do soldado era toda corporal, enquanto que a do sacerdote romano não se pode dizer que seja exclusivamente moral, porque tambem pode influir sobre o physico, posto que indirectamente.

No sentido meramente moral é a sorte do sacerdote muito mais digna de lastima do que a era a do soldado no mesmo sentido o soldado, como tanto que obedecesse ás ordens dos seus chefes, tinha a liberdade de poder andar de nu cara, porque ninguém se importava com o seu descontentamento; o sacerdote é coacto, pela necessidade da sua posição, definitivamente irreversivel, não só a dissimular o seu descontentamento, mas tambem a dar, por constantes adhesões aos actos do seu prelado, as mais sensíveis demonstrações que sejam indispensaveis ás potestades ecclesiasticas para evitar compromettel-as no espirito dos povos, atraindo o odio da opinião universal sobre as arbitrariedades episcopales.

Tal é a penosa condição a que se acha presentemente reduzido o clero da igreja romana. Digo que esta condição é penosa, porque não pode deixar de o ser aquella em que se é forçado a exercer as faculdades intellectuales, renunciando totalmente os ditames da sua propria razão.

Os honrores prodigalizados hoje pelo clero aos seus *subito pastores*, — aos seus *virtuosos prelados*, só podem acôr comparação, no passado, com as manifestações de alegria, a que eram forçados os proprios indigentes, sob o regimen absoluto e despótico, privando-se ás vezes do seu insufficiente sustento para illuminarem as suas jaellas, durante tres noites, significando assim o seu ergosio pelo nascimento de um príncipe ou príncipeza que só vinham ao mundo agravar

a triste condição dos povos, pelos impostos a que novamente os forçava a necessidade de praver aos subsídios principaes.

Só resta portanto aos povos christãos o alvedrio da escolha entre Deus e o papa, — entre o Christo e a phantasma de S. Pedro, — entre os apóstolos e os bispos, — entre o Evangelho e o syllabus, — entre a religião christã e a religião romana. A escolha nada tem de difficil, porque é muy facil distinguir a religião *positiva* da religião *sophismada*, se não houver escriptura em servir-se para isso da *razão humana*, que o proprio Christo recommendou se empregasse para que pelos fructos se podesse julgar da bondade ou da maldade das arvores.

O resultado d'esta deliberação não deve ser duvidoso, porque, infelizmente para a igreja romana, e felizmente para as sociedades modernas, nem os pontifices têm bispos egualmente assaz illustrados para serem dignamente postos á testa das dioceses, nem os bispos têm egualmente, por toda a parte, clero assaz esclarecido para comprehender como se deve adorar a Deus para bem servir o diabo, fazendo passar por christãs as idéas mais absurdas, a foyra de extravagantes: — mais monstrosas á foyra de ridiculas, — mais anti-christãs, a foyra de ambiciosas. Uma prova d'esta incontestavel verdade é o caso inesperado da benção episcopal, proferida pela occasião da installação da typographia do bispo, como se acha exarada na primeira produção desta *machina typographica*, — no primeiro numero da «civilização» (episcopal maranhense), e de que passo a occupar-me, traduzindo-a e analysando-a. O dia escolhido pelo Ex.^o e Rev.^o Sr. bispo da diocese do Maranhão, para proferir esta tão curiosa como original benção, foi o dia 31 de Julho: e os prudentes leitores que não ignoram que este dia é consagrado pela igreja romana á *Santo Ignacio de Loyola*, poderão facilmente ajuizar qual foi a intenção com que foi instituida e abençoada episcopalmente, aquella *machina typographica*.

A BENÇÃO TYPOGRAPHICA EM LATIM.

Julgando conveniente aos leitores que em lhes apresente parcialmente a analyse das orações constituintes da benção que passo a reproduzir e traduzir, julgo tambem que não deve parecer estranho que em anticipo o respectivo juizo, prevenindo-os do que o latim, em que ella se acha redigida, não se pode comprehender em classe alguma, nem mesmo na do *latim ferruginoso*.

Quando, lançando a vista sobre a ultima pagina da «civilização» ecclesiastica, vi, que estava lá impressa em latim, e me propunha lê-la, esperava achar na sua composição a ferrugem do latim, pulverizada e ligada com o mesmo oleo de linhaca com que se liga a fuligem no exercicio da arte de Guttenberg... Pois nem isto! o latim, em que se acha concebida esta benção, manifesta-se em *sabucra da lingua latina*; e se não se mostra da mais crassa, é porque se acha de quando em quando temperada por latim de ferro, extraído da mina do *Novo-Testamento*!

Se é permitido comparar a differença entre o latim *ouro* e o latim *ferro* com a que se nota entre o sabor e aroma do charuto da Havana e os do cigarro da

tabaco da mais ordinario; não ha, em inconveniencia, nem exaggeração, em comparar a do latim *ferro* e — do latim da *benção episcopal-typographica* com o do tabaco ordinario e do tabaco já mascado e resequido, aspirados egualmente em mortallas de papel!

Passando já a este proposito, reprouzo tambem os proprios termos em que a «civilização» ecclesiastica annuncia a inauguração da sua typographia: «Eis a integra da benção para officina typographica composta por ordem do exm. e revm. sr. bispo diocesano:

Manuel de Jesus
(Continua.)
19.2

O sr. D. Antonio d'Alvarenga e o Recalhimento.

Foi sempre e ainda é o *Recalhimento* azylo de paz, onde muitas desvañas procurão abrigo ás vicissitudes da vida.

Em talos os tempos e de todos os nossos prelados, merecem este pia estabelecimento os mais solícitos cuidados, especialmente de D. Frei Luiz Saraiva — de saudosa memoria — que foi incontestavelmente o seu mais dedicado protector. Não obstante nenhum dos prelados aludidos fez d'alli casa de *pedestre*, como succede agora com o Rev.^o Sr. D. Antonio.

Não duvidamos, nem por pensamentos, da pureza das intenções do nosso prelado actual, mas tambem por mais que cogitemos, não conseguimos ainda labrijar os beneficios, que possão advir ao estabelecimento com a quasi diaria permanencia de S. Exc. Rev.^o ali.

As memias, apesar do auxilio do governo, carecem e muito do fructo de seus trabalhos, e occupadas em fazer sala a S. Exc., terão forçosamente de renunciar a isso; o que lhes trará, sem duvida alguma, embaracos pecuniarios.

Consideramos de muito proveito os bons conselhos de S. Exc. Rev.^o, mas tambem devemos concordar, que a diaria permanencia de um homem — seja elle quem fór — em um estabelecimento *exclusivo* de senhoras, acaba por se tornar incommoda e ás vezes até prejudicial.

Escrevendo estas linhas, é nosso unico proposito censurar factos, mas nunca offender quem quer que seja.

O Marquez de Pombal
Alcides Rebelo

A civilização e o conselheiro Joaquim de Saldanha Maranhão.

Toda aquelle que por meio do insuato pretende alabar a reconhecida reputação de seu adversario, nada mais é do que um covarde.

Entretanto nesse terreno tão reprovado e odioso procura a *civilização* destruir os honros adquiridos com tanto trabalho por um homem a quem o Brazil inteiro applaude, porque vê nelle um soldado valente e um defensor porpeito dos sagrados direitos do povo.

Atassalhem, caluniam, padros de Roma, que ninguém vos dará credito.

Foi-se a epocha em que um padre tinha algum valor, hoje tornou-se maa infimidade na sociedade e só serve para plantar a discordia no seio da familia, mandar o povo comer capim, introduzir idéas reprovadas na consciencia das ignorantes, progar sermão no deserto,

metter-se nas algibeiras dos fôfos para angariar assignaturas e dar indulgencias por dá cá esta palha.

Sabemos que a *Civilização* não merece uma resposta, desde que o nome do digno conselheiro por si só constitue a sua defesa, mas a inocidade em cuja frente vê estampado o futuro destino de seu paiz não pode deixar de protestar contra esse procedimento barbaro para com o illustre advogado da liberdade de consciencia, da separação da Igreja e do Estado, do casamento civil, da secularisação dos cemiterios, & c.

Concluindo, diremos que quando a *Civilização* tiver de apresentar o nome do digno tribuna fluminense em suas columnas, vinda com mais *civilização*, e abandone os improprios, proprios dos homens incultos e desses entes que revestem-se da sotana, o borrião mais negro que desgraçadamente existe na historia da humanidade.

Alcides Rebelo

O peneio Episcopal no Catim.

Sob aquella epigraphe, em pomposa local de estylo guindado e até romantico, descreve a *Civilização* de sacristia o passeio de S. Exc. Rev.^o ao Catim, em companhia dds estudantes do proprio Seminário.

Quem, embora prevenido, ler a injuriosa noticia, da gaita collega de batina, ha-de naturalmente pensar que o Rev. D. Antonio foyra bond, encontrando almoco confortavel e a aquelle aprasiavel *São*, proporcionou aos jovens estudantes alegre passatempo, em que se pudessem desinfeciar do cheiro acre e nauseante do confissionario, que lhes ministra diariamente padre Marinho, pois se pensou isto, enganou-se redondamente.

O Rev. D. Antonio não despendeu nem um real!!! E certo que *caecidit* os meos a passeio, mas o que tambem é exacto — e desalamos a quem quer que seja, que não o venha contestar — é que os referidos estudantes foram obrigados a pagar até a propria passagem nos bonds!!! e os que não são prevenidos tiveram de recorrer aos onfros, mesmo porque S. Exc. lhe disse: — *que os meus rivos tinham vestida obrigação de ajudar os mais pobres*; tendo porém o emilado de pôr-se fora do numero, quando assim fallava. Já veem os pais dos estudantes e com elles o respeitavel publico que S. Exc. Rev.^o não *proporcionou* esse passeio, consentio apenas que elle se fizesse, porém á custa de cada um!!! A vista, pois, do exposto, certamente ninguém duvidará de que no Catim do graço se houve o banho, isto mesmo porque as agoras para correr ou naseer, não carecem da licença ecclesiastica. Em conclusão: quando nos affirmarem que S. Exc. Rev.^o é fragoado em latim ou mesmo em theologia, nada diremos, mas no entretanto

podemos desde já garantir que S. Exc. *o grande em contos do Porto!!!* Ora graças a Deus que já temos motivo para felicitar S. Exc. Rvdm.

Parabéns, muitos parabéns.

O Marquez de Pombal.

Uma tenda da Índia.

(Excerptos do *Rysada*. (Poema dos poemas.)

TRADUÇÃO DO FRANCÊZ.

«Depois do desaparecimento do chaos o Senhor, existindo por si mesmo, que não pode ser conhecido pelos sentidos externos, que só o espirito pode perceber, que escapa nos órgãos da intelligencia, que não tem partes visíveis, eterno alma de todos os seres, que ninguém pode comprehender, appareceu brilhante da luz mais pura... dissipou a obscuridade, e desdoubrou seu esplendor.»

«Gloria a ti, Brahma, que tiestes da gemem immortal as céus e os mundos, eu te invoco, pedindo protecção para meus cantos, prometendo não dizer uma palavra que possa ferir teus ouvidos.»

«No tempo dos vanaprastás e dos Santos patriarchas, o genio do mal nenhum poder tinha sobre a terra. O homem era puro e bom, estendia as mãos em torno de si para colher os dons de Deus, os valles sombrosos regatavam de rebanhos, as arvores vergavam de baixo do peso dos fructos e a terra produzia o arroz e os grãos mimosos, sem cultura.»

«Um concerto de hymnos e preces erguia-se de todos os cantos do globo,—cada um lia nos livros sagrados, dos vedas; o pai de familia ensinava a palavra divina a seus filhos, e no declinar de sua vida, se retirava carregado de annos e virtudes para as florestas, onde viveado de raizes, d'agua pura e de fructos selvagens, alli aguardava o momento de poder mergulhar-se no seio de Brahma.»

«Não havia classes, pois a ambição não era nascida, e o mal não tinha ainda forçado os domens a encurralarem-se como rebanhos, e prohibirem as fontes, a terra e as arvores, pizendo no vinjante sequiosos:—esta fonte é minha, o arroz desta terra é meu, os fructos destas arvores são meus... Não toques nisto, ou matar-te-hei.»

«Cada um purificava suas palavras pela verdade, e offerencia sacrificios, porque o veda disse: á tarde, quando não se vê mais a fumaça da cozinha, que o pilão está em repouzo, que o carvão está apagado, que as pessoas estão nascidas, que os pratos estão guardados, é este o momento de invocação á Deus para agradecer-lhe por seus beneficios.»

«Não havia então padre nem rei.»

«Mas pouco a pouco o numero dos homens augmentou, e a terra como uma matriz cujos seios tornão-se estereis, não ponde mais flumentar seus filhos. Os animaes se tinham refugiado no mais profundo dos bosques, para fugir a morte, os campos de arroz já não produzião senão a herva... e o homem, desesperado, dirigio-se a Brahma, um supro-

ma esperança, e pediu-lhe misericórdia por sermo a seus sofrimentos.»

«E Brahma disse áquelles que supplicavão: trabalhai, cultivai a terra, que tornár se-ha de novo productiva, semeai os grãos, molhai as plantas, podai as arvores, domai os animaes, e mettei-os em rodil, para que elles augmentem, e então tercis tudo em abundancia, guardando o que sobrar da colheita para os annos de escassez.»

Os homens, que de joelhos ouvira, erguerão-se consolados e pôzerão-se a trabalhar, a revolver a terra, a semear o arroz, pegarão tambem animaes em grande numero, e juntando machos e fêmeas... e seguindo o prognostico do Senhor, os dias felizes voltarão, mas terão alcança-los por um duro trabalho...

«E o homem reconhecido disse um dia: vou agradecer áquella a quem tudo devo, mas as preces e as invocações da santa escriptura não satisfazem, assim como o sacrificio d'ava-sativa para o fogo sagrado, eu vou offerecer-lhe os primeiros de todos os fructos e de todos os animaes que tenho adquirida seguindo a palavra do divino Pombrocha (um dos nomes mytologicos de Brahma.)

«Dito isto, tomou uma medida do arroz mais fino e mais bello, do acañão em sua flôr, dos grãos mimosos de todas as especies dos fructos: os mais saborosos que elle pode encontrar... tomou mais um casal de elephantes novos, um touro e uma navilha, um par de cabritos de vello vermelho, e duas pombas que sobião apenas do ninho.»

«E tendo reunido tudo, dirigio-se para as montanhas, subio a mais alta, e tendo chégado ao cume, deleve-se dizendo: este lugar me parece propicio para a offerta que quero fazer á Brahma.»

«E vendo uma pedra muito alta e muito larga, que se achava sobre a montanha, alli reuniu os grãos, os fructos, e os animaes que tinha levado, e poz-se a implorar ao Senhor, e a agradecer-lhe por lhe ter salvo a vida, usinando-lhe o trabalho!...»

«E quando elle rogava a Brahma d'acceptar as pias ofertas que lhe fazia... eis que derrepente surge de detraz d'uma pedra um homem, que apodera-se dos grãos, dos fructos e das animaes, exclamando:—isto pertence-me!—Divide, dix immediatamente um outro homem que apparece no mesmo momento....»

«Os dois ladrões examinião-se atentamente, prestos a luctarem e a lacurem-se mutuamente!... —Quem és tu, diz com arrogancia o ultimo no primeiro?

—Eu sou enviado de Deus, respondeu este, e venho, em seu nome, receber a offerta que se lhe faz!»

—Pois bem, eu, eu, sou a Força replicou o segundo, e aposse-me do que me apraz!

—A Força vem tambem de Brahma, ensinou o enviado celeste... façamos uma aliança, direi aos homens que te obedecão... e dividiremos.»

«E para, a sellar sua aliança, elles voltarão-se e esparcarão o pio e cretulo, que tinha vindo offerecer ao Senhor as premicias de seu trabalho... e como a victima lhes dizia:—porque não açoitaes? elles lhe responderão: por que tu és nosso escravo, e apoderando-se dos animaes, elles deitarão-lhe em sua costa

os grãos e os fructos, e novamente o maltratarão, para que elle descesse mais depressa a montanha....»

«E desta maneira aquelle que tinha trabalhado e erido, foi obrigado a nutrir estes dois homens e a servilos....»

Foi assim que apparecerão estas duas coisas: o padre e o rei—estes espiritos das trevas, estes dois phantasmas medianhos e sinistros, que, de mãos dadas, percorrem a historia da humanidade. Olhai por sobre elles e vereis na oceano de sangue humano tão enorme, como enorme é o firmamento. Quereis uma prova? Ah! tendes a Inquisição— a maior obra do jesuitismo. Tem a grandeza da morte.

S. Luiz, 6 de Setembro de 1880.

Pietro Garbaldino.

A pedido de alguns de nossas collaboradores inserimos no jornal a seguinte sercão sob o titulo de

ECHOS DA RUA.

Consta-nas que foram prohibidos os repiques por occasião da chegada de D. Gercha ao convento!?!

Parque seria?

Frei Magriço—o *mamma*—a instancias da comadre, resolveu tomar mingão de milho para engordar.

Agora sim qu'elle fica bonzinho.

O Rvm. Padre Miranda acaba de dar provas de ser um homem digno d'este seculo, pronunciando, por occasião de um casamento, um bem concebido discurso.

S. S.* teve o bom senso de o exarar em portuguez.

E' pena que seja padre....

Frei Marianno—o *Guatêlha*—recebeu do Para noticias das duas orphans...

Tartufo...

A trindade maldita apanhou, de nona respeitavel sculora, tres contos de reis, para auxilio do prelo.

Se pega a moda, acantelem-se aquelles que tem gente no coração.

Sempre os mesmos...

Dizia-se hontem e tem seus vizes de verdade, que o jesuita A. Almeida seria nomeado vigario de *Pirocava*. Acertada esculha, porque o indigitado, além da bonita figura abbaical, tem um appetite verdadeiramente fradesco.

D. Chiquinha você não entra para o coração? Deus me livre D. Gertrudes, credo!?! Lulú me disse que lá só tem valhas healas e *gaarentomas* que já perderão a esperança do casorio.

Movimento dos Templos—Egreja de Santo Antonio na ultima sexta-luz:

Beatas conhecidas.....	11
Idem incognitas.....	5
Velhas octogenarias.....	23
Curiosos.....	8
Jesuitas de pallot.....	3
Idem do frak.....	5
Idem de camisa.....	9
Crianças.....	19
Moças do coração.....	18
Carissas.....	3
Cachorros.....	4

Sendo um pellado.

No domingo 5 do corrente, Frei Magriço e Frei Murrão foram vistas na rua das Criaças. Irão estes santos magandões proteger alguma orphã?

Dizem que D. Gercha antes de ser mitrado foi corneta em S. Paulo...

Rem mostra...

O compadre Iquença, que em tão honitos versos já fez *vollar capim na buca de padre*, pede agora de sacola para o tal coração...

Muito podem certas crencas...

O Curvalho Branco, fervoroso devoto do seo hotel em S. José de Ribamar, pede no programma da festa toda a decencia e civilisacão!!

Que grande finario...

Na vespera da *Saata Pauleya* o Padre Marinho comprou fiado 3 baralhos de cartas e 3 caixinhas de dominos em casa dos Srs. Ramos d'Almeida.

Quaes serão os divertimentos mais perniciosos—os theatros e as *sotras* familiares ou os jogos cartrados?...

Respondam os Srs. da Civilisacão.

O jornal *Pensador*, para acudir aos innumerados pedidos de diversos vigarios collados e descollados, resolveu fazer a sua primeira tiragem de 1.600 exemplares!!

É a especie.

Soroc Pouapouour.

O' morte, velha muma desdentada que é o terror da goria burguezia, assassina feroz celebrisada nas falsas tradicções da theologia!

Ergue-se sobre ti, firme e onuada a positiva e sã philosophia, para arrancar-te a capa esboracada e mostrar quem tu és á luz do dia.

E' a fonte vital, sempre corrente, onde um ente dá vida a outro ente n'uma cadeia infinita. A sciencia,

que penetra o mysterio mais profundo e palmo a palmo estuda o nosso mundo, ha de chamar-te um dia—PROVIDENCIA!

Marius.

AO «PENSADOR»

... O ceo da intelligencia
começa a recamar-se em loiros resplendores:
o futuro deixando o leito na imminencia,
desce ao lago do sonho, acorda os viajores,
mostrando-lhes o rumo....

(Dr. Teixeira de Souza.)

Quem vem passando assim por entre a multidão
—de frente no infinito—olhar pela amplidão
altivo e soberano dos cilios do condor?
Quem esse atleta heros, ousado lutador,
que eleva da indolencia a turba embocada,
luc dando nova força heralica, noutra vida
d'esperanca e dissipando a seisma dos alheos?
Não vedes que é a idéa, a luz que vem dos ceos
em magica torrente o mundo illuminar?
Oh! mãos abri-lhe o seio! Oh! paes abri-lhe o lar!

Surgiu d'entre a grandeza immensa do ideal,
do pensamento livre, infinito, universal
de Gutenberg—um génio, um deus, um creador—
a imprensa—ninho d'agua—acorde o Pensador
vaz alentar a seiva dos sonhos do porvir:
e de onde saltá o vôo, em cantico, a sorrir:
moderno precursor da fé do christianismo
da mocidade o esforço—um novo jornalismo
que vem de luz! de luz! o povo circumdará!
Oh! mãos abri-lhe o seio! oh! paes abri-lhe o lar!

1880.

João F. Gramello.

A CRUZADA NEGRA.

Os homens do passado—os homens das fogueiras,
Os heros de rouqueta, em cerradas fileiras,
A nova geração d'este seculo de luz
Vem guerra promover em nome de Jesus,
De Jesus insultado em seus gritos ferozes
Com que do Evangelho encobrem doces vozes,
De Jesus, esse Deus d'amor, de mansidão,
Doce archanjo de luz—o Christo da razão!
Em nome d'elle vêm fazer forreas cadeias
Com que possam na terra esmagar as idéias,
Em nome d'elle vêm fazer frevas da luz,
Do bem fazer o mal, duro posto—da cruz.

Carrascos do passado—algozes do porvir—
Só querem infernaes as luzes extinguir,
Matando da razão a sacra liberdade,
Tirando a fôrça, a vida, á pobre humanidade,
E em nome d'um phantasma audaz—a religião,
A terra vêm de novo eivar d'esclavidão!

Espectros da maldade—heros da treva escura,
Vampiros funeraes—lavras da sepultura,
Do Christo a santa lei debalde mandareis:
Olhai! já foi sinistro o destino dos reis:
Dos monarchas o jugo—alem foi supplantado,
Tambem o pego espera—o abutre do papado!
O povo, o novo rei, que a fôrça tem na mão,
Um abyssmo vos cava—heros da corrupção;
Em vão é que imploreis dos homens o egoismo,
Sumidos vós sereis em fundo entarlstico.
E a grande humanidade alem se levantando,
Sobre vós maldição nos gritos seus legando,
Um nome vos dará, um nome, qu'execrado,
Seja de vós a vergonha, oh! homens do papado!

Na terra de Cabral que vós mandeis, sicarios,
Na terra em que vós sois de Deus os uzurarios,
Do Deus que prostituís em vossas torpes fallas,
Lada fôrça lavosa para expelli-vos com balas:
Os figres e o leão mais que vós tem valor,
Como elles morreréis ás mãos do caçador!

Estranha caça esta! A caça fustigada
D'um povo pela voz, da razão pela espada,
A caça do progresso, a caçada da luz,
Em que as balas são—mil idéias á flux

Do craneo dos heros, dos filhos da verdade,
Que tem a religião da patria—liberdade!

Debalde em vosso seio trameis negra cabala,
Torva superstição nos animos já não cala;
Fazei a propaganda a propaganda da erro,
O homem achareis mais duro do que o ferro,
Surdo á vossa voz, desprezo vos votando
De vossas garras vós espiritos arraucando,
Por norte tendo o bem, por guia tendo a luz,
Os machos baurijá da grande arvor' da cruz!

Seduzindo a mulhier julgais prender a terra,
Eusinando a creança á razão fazeis guerra,
Embustes inventando credes tudo domar,
Cruzada de Satan, julgais tudo matar?

Oh! não! assim não morre este seculo gigante
—Epopeta de luz, constellação brilhante,
O seculo do trabalho, o seculo da verdade,
O seculo que gerou do povo a liberdade;
Filho d'oitenta e nove em si a fôrça tem
De combater o mal com as armas do bem.

Debalde do passado as fogueiras chammaejam,
Em vão do Vaticano inda raios trovejam,
O povo em gargalhada, em rizes as nações,
Zombam de vossa voz—a voz d'excomuniões:

Já fostes fortes, sim; hoje—fracos estais,
Vosso imperio passou, o genios infernaes,
O povo já tem vista, o povo já tem luz,
O povo não quer papa—o povo quer a cruz,
A cruz da redenção, a cruz da liberdade,
A cruz que deu celeste a lei da caridade.

Christo, grande Christo, heros lá da Judéa,
Tu que em sangue teu deixaste uma epopeia,
Evangelho de luz, immensa lei d'amor,
Tu, do genero humano o primo benefitor,
Não deixes mais o mundo entregue á furia insana
Dos ministros servís da corte vil romana,
Vem á terra trazer de novo a redenção,
Dos falsos servos tens matando a corrupção,
Vem de novo ensinar á terra a lei de Deus
Baindo do teu templo, escribas, phariseus!

Vania.

CRONICA.

O pobre, o inoffensivo Maranhão estava quieto, socogado no seu canto, rindo-se de bocca aberta das pilherias do Compadre Lourenço; saboreando ingenuamente as *Notas a Lejos* do Diário; vestindo-se de casemira e chapéo alto para ir espaiar-se um bocado nos domingos no Culin; fumando patrioticamente o seu fumo do Golú, rednsido a cigarros pelos delos ageis do sr. Saupio; pagando condescendentemente os seus impostos, as suas decimas, as suas contas de gaz e as suas contas d'agua; estudando silenciosamente o francez, a grammatica e a arithmetica ou cultivando corajosamente a escripturação mercantil com a doce esperanca de se arranjar nas repartições publicas ou nos escriptorios commerciaes; ouvindo com todo o recolhimento os sermões do sr. padre Fonseca e do sr. padre Purificação; recebendo humil demente as succulentas reprehensões do exm. sr. Bispo e acompanhando condignamente as ladainhas do sr. padre Maia.

Pois bem! o Maranhão estava assim era tranquillo, morno, decentemente feliz na sua monotonia, quando, do repente, percebeu-lhe por todo o corpo um arrepio de medo, estremeceu-lhe os musculos habituados a inecção, levanta-se-lhe o cabelo, irrita-se-lhe a pelle, encaran-

guem-se-lhe os dedos dos pés—e o Maranhão, birto, sobresaltado, andré! levanta o braço, arregala o olho e—grita:

«Ai! tenho o Mourão! Está cá dentro! sinto-o, doe-me! como-me!»

E de facto o Mourão tinha-se-lhe introduzido nos intestinos!...

Adeus bemaventurança! adeus sextas descansadas depois do jantar! adeus quinto em familia! adeus pernas crusadas! adeus palito atraz da orelha! adeus socego! adeus pachorra! O Mourão cá está!

E o Mourão plantou-se! e o Mourão servou-se! e o Mourão cresceu! e o Mourão esgallhou! e o Mourão fecundou o atual o Mourão pario—*Injehorrem inproba scabies!*

A criança nasceu forte, escorroita, porrem de mão genio, cheia de birras, e só querendo morder o peito da ama.

O que é a innocencia!

Batison-se com o nome de Civilisação—o um nome bonito não ha duvida, mas pedimos desde já licença ao papae para tratarmos-la mais familiarmente por *Viciosa*—é um diminutivo galante e que de forma alguma pode prejudicar a susceptibilidade do nobre pedelho.

E agora Maranhão, terra feliz! trata do teu pimpolho—tens de amamental-o, embala-o, de metter-lhe na boca a mamadeira e apertar-lhe os cueiros quando

